

A reescrita de textos como prática de produção textual universitária: a experiência de LPT na UnB

Mayara Silva Andrade¹

Ormezinda Maria Ribeiro

Resumo

Este artigo consiste numa reflexão acerca do significado do processo de reescrita de textos. A reescrita diz respeito ao momento oportuno para o aperfeiçoamento da habilidade de escrita. Constitui um método inovador que proporciona uma maior autonomia ao aluno e torna o ensino da disciplina Leitura e Produção de Textos mais eficiente e significativo. Utilizando exemplos de produções realizadas por alunos da Universidade de Brasília, são apontadas as falhas mais comuns cometidas durante o processo de produção textual, bem como alguns aspectos da textualidade, resolução de problemas, registro de resultados e socialização dos textos.

Palavras-chave: ensino de Leitura e Produção de Textos, processos de produção textual, reescrita de textos.

Abstract

This article consists of a reflection concerning the meaning of the process of texts rewriting. The rewriting is a tool which favors the improvement of written expression. It is considered an innovative method that provides greater autonomy for the students and makes the teaching of Reading Comprehension and Text Production more effective and meaningful. Taking as a corpus, examples from texts written by students from the University of Brasilia, most common errors are pointed out as well as some aspects of “textuality”, problem solving, record, and sharing of results.

Key words: teaching of reading and text production, processes textual production, rewriting texts.

¹ Graduada em Letras – Português pela Universidade de Brasília. mayailles@yahoo.com.br

Apresentação

A motivação para o desenvolvimento da pesquisa apresentada neste artigo surgiu a partir de duas experiências distintas. A primeira foi como aluna da disciplina Leitura e Produção de Textos (LPT), ofertada pelo Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas (LIP), no início da graduação do curso de Letras – Língua Portuguesa e Respectiva Literatura na Universidade de Brasília (UnB). Como aluna, pude observar e vivenciar práticas que me fizeram refletir criticamente acerca da realidade dentro da universidade e do ensino de língua portuguesa.

A segunda experiência foi como colaboradora voluntária durante um ano no Laboratório de Produção de Textos do LIP, fundamentado pelo projeto de pesquisa intitulado “Desenvolvendo um método inovador para o ensino de Leitura e Produção de Textos: a reescrita de textos”, coordenado pelas professoras Viviane de Melo Resende, Viviane Ramalho e Juliana Dias, e financiado pelo REUNI (Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais). Nesse projeto, o foco consistiu no atendimento aos alunos de graduação, em sua maioria no primeiro semestre dos cursos de Artes, Ciências Contábeis, História, Geografia, Música, dentre outros, matriculados nas disciplinas de texto – Leitura e Produção de Textos, Prática de Textos, Português Instrumental, Oficina de Produção de Textos e Redação Oficial. Como tutora de produção textual, tive a oportunidade de analisar e perceber que a prática de produção de textos deve ser vista de maneira contínua e interativa, e a partir disso, refletir acerca do processo de ensino-aprendizagem na disciplina Leitura e Produção de Textos.

Desta maneira, surgiu o interesse em analisar e discutir acerca do tema. Minha participação no projeto foi importante, pois como pesquisadora pude observar a deficitária situação em que muitos estudantes chegam ao Ensino Superior, com uma visão de língua portuguesa voltada para as “tradições gramaticais”, além de reconhecer a função da reescrita de textos no processo de produção textual. A continuidade da pesquisa foi proporcionada pela Disciplina “Seminário de Português” sob orientação da Professora Ormezinda Maria Ribeiro.

1. Objeto de pesquisa

As experiências mencionadas anteriormente foram importantes porque a partir delas foi possível perceber a necessidade de verificação sobre as condições em que os estudantes saem do Ensino Médio e ingressam na universidade, sobre as expectativas desses alunos em relação ao processo de produção de textos e de que maneira a reescrita pode servir como ferramenta de aprimoramento textual. Essa necessidade justifica-se em decorrência de ter sido observado pelas professoras das disciplinas referidas, que os estudantes de graduação apresentavam uma significativa dificuldade na produção de textos, em alguns casos, mesmo aqueles em fase de conclusão de curso. Foi constatado, também, que muitos desses estudantes apresentavam uma visão estruturalista da língua portuguesa, consequência de um ensino de língua mecanizado que se atém somente aos aspectos gramaticais.

O texto neste trabalho constitui o material de pesquisa. Assim, faz-se necessário ilustrar, tomando por base os princípios da Linguística Textual, algumas especificidades para que seja realizada uma análise mais apropriada. Marcuschi (2008) apresenta essas especificidades: 1) O texto é visto como *um sistema de conexões entre vários elementos* tais como: sons, palavras, enunciados, significações, participantes, contextos, ações, etc.; 2) O texto é construído numa orientação de *multissistemas*, ou seja, envolve tanto aspectos linguísticos como não linguísticos no seu processamento (imagem, música) e o texto se torna em geral *multimodal*; 3) O texto é um evento interativo e não se dá como um artefato monológico e solitário, sendo sempre um processo e uma coprodução (coautorias em vários níveis);

Dessa forma, o objetivo principal desta pesquisa consistiu na análise das produções textuais, com foco na investigação do processo da reescrita de textos. Para isso, foram coletados textos de alunos de graduação em uma turma de Leitura e Produção de Textos (LPT), na qual os processos de escrita e reescrita eram estudados, bem como o acompanhamento das atividades desenvolvidas no Laboratório.

2. As concepções de língua e texto

As análises realizadas nesta pesquisa partiram de uma abordagem sociointeracionista. Esta corrente teórica considera a linguagem “como lugar de ‘inter-ação’ entre sujeitos sociais, isto é, de sujeitos ativos, empenhados em uma atividade sociocomunicativa” (KOCH, 2002, p. 19)².

Como resultado dessa concepção de língua, o texto é considerado neste trabalho como “evento comunicativo em que convergem ações linguísticas, sociais e cognitivas” (BEAUGRANDE, *apud* MARCUSCHI 2008, p. 72). O texto, desta forma, é visto como uma unidade de sentido, sempre produzido em caráter interativo e dialógico, considerando assim, a produção de texto como um processo contínuo. De acordo com essa visão (KOCH, 2002, p. 17), afirma que “o texto passa a ser considerado o próprio *lugar* da interação e os interlocutores, como sujeitos ativos que – dialogicamente – nele se constroem e são construídos”. Portanto, cabe ressaltar que fica fora da área desta pesquisa a visão de texto como produto acabado, voltado apenas aos aspectos gramaticais da língua.

É importante destacar que, partindo de tal abordagem, compete à Linguística Textual, por meio da textualidade, tentar apontar quais são as características que compõem um texto, bem como solucionar possíveis problemas em relação à recepção e entendimento de determinado texto. Por serem fundamentais ao embasamento conceitual desta pesquisa, as condições e processos de produção textual serão apontados adiante.

3. Critérios de textualização

A partir das concepções de língua e texto apresentadas, e considerando a Linguística Textual “como o estudo das operações linguísticas, discursivas e cognitivas reguladoras e controladoras da produção, construção e processamento de textos escritos ou orais em

² KOCH, Ingedore G. V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.

contextos naturais de uso” (MARCUSCHI, 2008, p. 73)³, são apresentados aqui alguns critérios de textualidade que serviram para delimitar a avaliação das produções textuais dos alunos de LPT. Esses critérios podem ser determinados por características linguísticas (coesão e coerência) e por características contextuais (aceitabilidade, informatividade, situacionalidade, intertextualidade e intencionalidade).

3.1 Coesão

A coesão textual está relacionada às estruturas sequenciais superficiais do texto e refere-se à articulação destas estruturas. De acordo com o conceito formulado (KOCH, 2001, p. 17)⁴, a coesão “diz respeito ao conjunto de recursos semânticos por meio dos quais uma sentença se liga com a que veio antes, aos recursos semânticos mobilizados com o propósito de criar textos”. A autora apresenta cinco fatores de coesão propostos por Halliday e Hasan (KOCH, 2001): a referência, a substituição, a elipse, a conjunção, e a coesão lexical.

3.2 Coerência

A coerência também diz respeito às relações estruturais do texto, mas de uma maneira global e não superficial como a coesão. Segundo Koch e Travaglia (2001)⁵, a coerência “está diretamente ligada à possibilidade de se estabelecer um sentido para o texto, ela é que faz com que o texto faça sentido para os usuários”. Este critério de textualidade não depende apenas dos aspectos linguísticos de um texto, pois ela é global, ou seja, para haver coerência, é preciso que os interlocutores de um texto tenham possibilidade de estabelecer relações diversas entre todos os elementos contidos neste texto. Para Marcuschi (2008) “a coerência busca organizar o núcleo em torno do qual giram os enunciados textuais”.

Koch e Travaglia (2001) destacam alguns fatores determinantes para a coerência de um texto, como: elementos linguísticos, conhecimento de mundo, conhecimento compartilhado e inferências.

3.3 Intencionalidade

A intencionalidade está relacionada aos objetivos propostos pelo autor de um texto ao produzi-lo. Marcuschi (2008) afirma que, “a intencionalidade diz respeito ao que os produtores do texto pretendiam, tinham em mente ou queriam que eu fizesse com aquilo”.

3.4 Aceitabilidade

Enquanto critério de textualidade, a aceitabilidade pode estar diretamente relacionada à intencionalidade. Isto implica dizer que, esta última está vinculada às

³ MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Produção Textual, Análise de gêneros e Compreensão*. São Paulo: Parábola, 2005.

⁴ KOCH, Ingedore G. V. *A coesão textual*. 15 ed. São Paulo: Contexto, 2001.

⁵ KOCH, Ingedore G. V. & TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A coerência textual*. 12 ed. São Paulo: Contexto, 2001.

intenções do autor e aquela ao modo como o leitor recebe o texto, portanto, “a aceitabilidade se dá na medida direta das pretensões do próprio autor, que sugere ao seu leitor alternativas estilísticas ou gramaticais que buscam efeitos especiais” (MARCUSCHI, 2008). Ainda conforme o autor, este critério “diz respeito à atitude do receptor do texto, que recebe o texto como uma configuração aceitável, tendo-o como coerente e coeso, ou seja, interpretável e significativo”.

3.5 Situacionalidade

A situacionalidade em um texto refere-se à situação contextual (social, cultural, ambiental, etc.) em que este é produzido. Marcuschi (2008) descreve a situacionalidade como “uma forma particular de o texto se adequar tanto a seus contextos como a seus usuários”. Este critério pode relacionar-se com a noção de gêneros discursivos, pois de certa forma os gêneros se aplicam a certas situações preestabelecidas que suscitem contextos específicos de uso, pois como afirma Marcuschi (2008) “todo texto conserva em si traços da situação a que se refere ou na qual deve operar”.

3.6 Intertextualidade

A intertextualidade “é uma propriedade constitutiva de qualquer texto e o conjunto das relações explícitas ou implícitas que um texto ou um grupo de textos determinado mantém com outros textos” (MARCUSCHI, 2008, p.130). Ela está presente nas relações existentes “entre um dado texto e os outros textos relevantes encontrados em experiências anteriores, com ou sem mediação” e é de certa forma um princípio inerente e constitutivo de todo texto, pois “todos os textos comungam com outros textos, ou seja, não existem textos que não mantenham algum aspecto intertextual, nenhum texto se acha isolado e solitário” (MARCUSCHI, 2008).

3.7 Informatividade

A informatividade “diz respeito ao grau de previsibilidade da informação contida no texto” (KOCH, 2001). Ainda segundo a autora, este critério possibilita apontar que “um texto será tanto menos informativo, quanto mais previsível ou esperada for a informação por ele trazida”. Este critério está ligado à maneira como um leitor organiza o texto cognitivamente, pois dependendo da intenção do autor, pode ser extraído de um texto, o que se pretende ou não transmitir. Marcuschi (2008) acrescenta que a informatividade “é um critério bastante complexo e pouco específico, não pode ser analisado como se fosse responsável por unidades informacionais”.

A partir dos critérios de textualização expostos, cabe aqui reafirmar que, estes critérios são utilizados nesta pesquisa para auxiliar na identificação das principais dificuldades encontradas nos textos dos estudantes, levando em consideração o papel da reescrita de texto na produção textual universitária. Pois através dessa prática, o aluno tem a

possibilidade de identificar suas próprias dificuldades, reelaborar o seu texto, de forma a não repetir os problemas encontrados.

4. O Laboratório de Produção de Textos do LIP

A proposta do Laboratório de Produção de Textos fundamenta-se no projeto de pesquisa intitulado “Desenvolvendo um método inovador para o ensino de Leitura e Produção de Textos: a reescrita de textos”, coordenado pelas professoras Viviane de Melo Resende, Viviane Ramalho e Juliana Dias. A implantação do Laboratório na Universidade de Brasília (UnB), vinculado ao Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas (LIP) e fomentado por recursos do REUNI (Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais) ocorreu com o intuito de proporcionar atendimento a alunos de graduação matriculados nas disciplinas de texto oferecidas pelo departamento citado.

O principal objetivo do Laboratório consiste no desenvolvimento de um método de ensino com base na reescrita de textos, buscando conscientizar os alunos acerca da visão de texto como processo, além da missão de torná-los proficientes na escrita de textos acadêmicos.

As atividades do Laboratório estavam diretamente integradas às disciplinas oferecidas pelo Departamento de Linguística (LIP) – Leitura e Produção de Textos, Prática de Textos, Português Instrumental, Oficina de Produção de Textos e Redação Oficial – que atendem, em sua maioria, a estudantes do primeiro semestre dos cursos de graduação da UnB, tais como, Artes, Ciências Contábeis, História, Geografia, Música, dentre outros. O trabalho no Laboratório contava com coordenação da equipe de professoras regentes das disciplinas e com a participação de estudantes bolsistas do curso de Letras – Língua Portuguesa.

Desta maneira, com a ajuda da equipe de professoras e dos bolsistas, os alunos que apresentavam alguma dificuldade na produção, na revisão e na reedição de textos, eram orientados a buscar ajuda no Laboratório, de modo a desenvolver as competências necessárias para revisar seu próprio texto, visando à clareza, à coerência, à coesão, à correção gramatical, enfim, às qualidades de um texto que levam à efetiva comunicação.

4.1 Escrita e reescrita no Laboratório de Produção de Textos do LIP

Conforme o que foi descrito, pode-se salientar o caráter fundamental das disciplinas de texto para instrumentalizar os alunos de graduação no desenvolvimento das competências necessárias ao desempenho acadêmico. Com a criação de um espaço físico apropriado, o atendimento no Laboratório acontecia de forma individualizada, voltado para atender às necessidades específicas dos estudantes.

A disciplina Leitura e Produção de Textos possui uma grande demanda de alunos, praticamente, em todos os semestres. Levando em consideração sua finalidade, procura

desenvolver no aluno: leitura ativa, analítica e crítica de textos, planejamento e produção de resumos, resenha críticas e textos dissertativo-argumentativos. Portanto, fica clara a importância da relação entre leitura e produção de textos, pois o aluno que lê satisfatoriamente consegue estabelecer relações dialógicas com textos de outros interlocutores e seus próprios textos, aprimorando as condições de recepção e produção destes.

A aplicação do método da reescrita envolveu procedimentos que tiveram como finalidade o aperfeiçoamento dos textos produzidos na primeira versão, sem alterar o propósito comunicativo. Neste caso, o professor aparece como figura central, pois tem o dever de apresentar escolhas aos seus alunos, sem imposições, como ocorre em outros níveis de ensino. Este trecho de Suassuna (2011)⁶ retrata bem a importância do professor nesse processo:

Cumprir destacar em todo o processo, o papel do professor, o qual, mais do que um identificador de problemas textuais, é um propiciador e facilitador da reflexão, na medida em que permite redator (aluno) seja exposto a interpretação do outro, passando a compreender melhor como seu discurso está sendo lido e de que forma essa leitura foi construída.

Assim, os alunos, em sua maioria, acabavam aceitando de maneira passiva a metodologia empregada no ensino da disciplina. Por isso, fica evidente que a reescrita possibilitava aos alunos perceberem o que antes não era visível na primeira versão do texto, pois à medida que o ato de reescrever se torna um hábito, o aluno (sujeito-autor), consegue perceber que o texto não é um produto de dimensões significativas acabadas, podendo ser modificado.

Outro motivo para aplicação dessa prática é que ela permite que o aluno assimile os diversos gêneros textuais, fazendo com que este aluno consiga diferenciá-los e aplicá-los durante o processo de escrita.

5. Procedimentos Metodológicos

A coleta de dados ocorreu durante minha participação no Laboratório de Produção de Textos do LIP, tendo sido escolhida, pelas razões já expostas, a disciplina Leitura e Produção de Textos para coleta de dados. O *corpus* compõe-se de um total de 42 textos, dos quais foram selecionados 10 para serem analisados, que apresentavam sua primeira e segunda versão. É importante frisar que nem todos os alunos participavam da atividade de reescrita.

⁶ SUASSUNA, Livia. Avaliação e reescrita de textos escolares: a mediação do professor. In: ELIAS, Vanda M. (Org.). *Ensino da língua portuguesa: oralidade, escrita, leitura*. São Paulo: Contexto, 2011, p. 119-134.

A produção de texto (em sua primeira versão) fazia parte da aplicação das reflexões e conceitos obtidos nas aulas teóricas da disciplina. Após a avaliação das produções, somente aquelas que não alcançavam um nível satisfatório de realização eram encaminhadas para a reescrita no Laboratório. Este nível é sempre delimitado em consideração à complexidade da proposta solicitada, por serem de gêneros discursivos diversos.

A reescrita (segunda versão) ocorria sempre de forma orientada levando em consideração os critérios de avaliação textual e os elementos extralinguísticos relacionados à individualidade de cada aluno. Após passarem por esta avaliação, os alunos eram orientados a reescreverem seus textos, como parte fundamental da proposta, em que conseguiam perceber os problemas em seus textos e, assim, ter a oportunidade de saná-los. Desse modo, Suassuna (2011), afirma:

O erro não significa, necessariamente, ausência de conhecimentos; ele é indício do processo de construção cognitiva; traduz os trajetos dos alunos, que, muitas vezes, são diferentes daqueles esperados pelo professor; o erro oferece informações sobre o que se sabe e o que ainda não se sabe, permite formular novas perguntas.

Portanto, para que a avaliação mantivesse uma regularidade ordenada, foi desenvolvida uma legenda com os critérios observados e os códigos aplicados nos textos analisados, a fim de que os alunos pudessem compreender os problemas identificados e refletir sobre eles.

Legenda para correção e reescrita de textos

G	Inadequação ao gênero
?	Incoerência
S	Problemas de sintaxe (concordância, paralelismo sintático e/ou semântico, regência, crase, etc.)
L	Inadequação lexical (significa que a palavra / expressão selecionada não está adequada; deve ser substituída)
R	Repetição (de vocábulo ou de ideias)
O	Ortografia

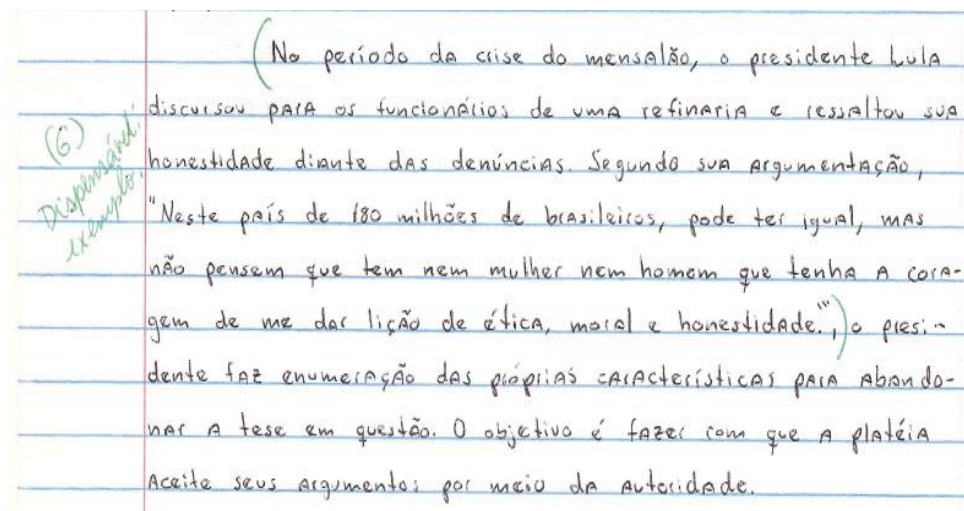
P	Pontuação
§	Paragrafação
(...)	Informação incompleta (se colocado ao final do texto, significa que o texto não está acabado / se colocado entre palavras significa que há necessidade de inserir alguma informação que não foi explicitada).

No Laboratório, a participação ocorria a partir da avaliação dos textos produzidos e das reescritas orientadas. Por isso, a coleta de dados foi feita com os textos já corrigidos, em sua primeira e segunda versão, de modo a realizar uma análise comparativa dos textos dos alunos.

6. Análise de dados

Após serem orientados sobre a produção a ser redigida, os alunos entregavam seus textos à professora, que procedia com a correção e avaliação, e, posteriormente, recomendava aos alunos que não obtiveram resultado satisfatório que reescrevessem seus textos, buscando auxílio no Laboratório de Produção de Textos do LIP. A seguir são apresentados alguns exemplos e esclarecimentos adicionais das principais dificuldades enfrentadas por esses alunos em uma turma de Leitura e Produção de Textos (LPT). As amostras de 1 a 5 se referem ao gênero resumo. As avaliações (destacadas pela cor verde) feitas em relação a este problema podem ser visualizadas nas seguintes amostras:

Amostra 1 – Dificuldade quanto ao gênero (G): resumo



Amostra 2 – Problemas de ortografia (O) e sintaxe (S)

Para Jhon Beck, a chomela, ou argumentum
ad verecundiam, teria uma citação de alguma au-
toridade no assunto, e o autor acrescenta que
também podiam se utilizar epígrafes de autori-
dades de poder, e não só no formato de citação,
mas também na exemplificação do caráter da
pessoa.

Amostra 3 – Problemas de ortografia (O) e pontuação (P)

Segundo o autor, para que possamos entender
uma língua, precisamos de abstração, ou seja reunir
elementos distintos pressupondo que tenham uma característica
comum. Este tipo de abstração permite aprimorar a
ortografia por meio de associações e derivações.
Possetti reforça sua teoria mostrando que além da
análise sintática, uma análise do sentido também
pode ter grande influência no entendimento da língua.
O autor mostra também que além da melhora na
grafia, as abstrações forçam os gramáticos a explicitar o
motivo do uso de "determinada solução em vez de outra".
Estas abstrações mostram que em certos casos as regras
gramaticais devem ser aplicadas segundo o contexto.

Os alunos que apresentaram tais dificuldades eram orientados a realizar a atividade da reescrita de textos, seguindo os códigos da legenda, de modo a reparar as construções apontadas pela professora. Logo, os alunos elaboravam a segunda versão (reescrita) desse texto, em que, geralmente, conseguiam superar as dificuldades apontadas. As amostras a

seguir apresentam as duas versões (primeira e segunda) de um mesmo aluno para demonstrar a qualidade alcançada por meio da reescrita do texto.

Amostra 4 – Aluno X: primeira versão

Segundo Fisiun, o argumento é a maneira de se expor um determinado ponto de vista. Este pode ser contra ou favorável, tendo por objetivo a acatção do ponto de vista de que o enuncia.

O argumento, argumentum ad verendum, é a estratégia de um especialista, ou autoridade, em sustentar um argumento sobre um tema.

Para o filósofo Locke, este argumento deve ser de terceiros, ou seja, para servir de apoio para um ponto de vista, este deveria ser uma autoridade.

(6) Dispensável: explicação

Para o autor, o aprendiz de uma língua materna deve-se utilizar gêneros discursivos. Para Bakhtin, "o aprendiz de uma língua não deve usar fita por meio de gramáticas e dicionários".

Locke afirma que o argumento não pode ser criticado, pois há uma necessidade de respeitar os argumentos que são feitos por autoridades sobre assuntos, sendo estes confidenciais.

Existem dois tipos de autoridade, a de ordem e a do domínio do poder, e ainda uma segun-

Amostra 4 – Aluno X: continuação da primeira versão

da, um que há uma desconfiança sobre a autoridade de um questão.

O ponto de vista de uma autoridade pode não ser necessariamente verdadeira, mesmo estas sendo de discursos científicos, por exemplo. Algumas questões, em que o especialista não possui domínio sobre o tema, podem ser fracas e deixarem de ser considerados verdadeiros, pois há necessidade do conhecimento sobre o assunto.

Para Fisiun, o argumento necessita não necessariamente de ser de uma terceira pessoa, ou mesmo de uma autoridade que possua domínio desse conhecimento. A questão é relevante pois o argumento pode ser criticado e questionado, ou seja, possível de discussão.

Amostra 5 – Aluno X: segunda versão (reescrita)

Segundo Facion, o argumento é a maneira de se expressar um determinado ponto de vista. Este pode ser contra ou favorável, tendo por objetivo a acatização do ponto de vista de quem o enuncia. O argumento, argumentum adverendum, é a estratégia de um argumento sobre um tema. Para o filósofo Locke, este argumento deve ser de terceiros, para servir de apoio para um ponto de vista, este deveria ser uma autoridade. Locke afirma que o argumento não pode ser utilizado, pois há uma necessidade de suspeitar os argumentos que são feitos por autoridades sobre o assunto, sendo estes confiáveis. Existem dois tipos de autoridade, a de ordem e a do domínio do poder, e ainda uma segunda, em que há uma desconfiança sobre a autoridade de em questão. Quando o ponto de vista sobre o assunto não é de um especialista, ou autoridade, pode haver um equívoco sobre a questão em debate, se este não for uma autoridade no tema. Alguns

Amostra 5 – Aluno X: continuação da segunda versão (reescrita)

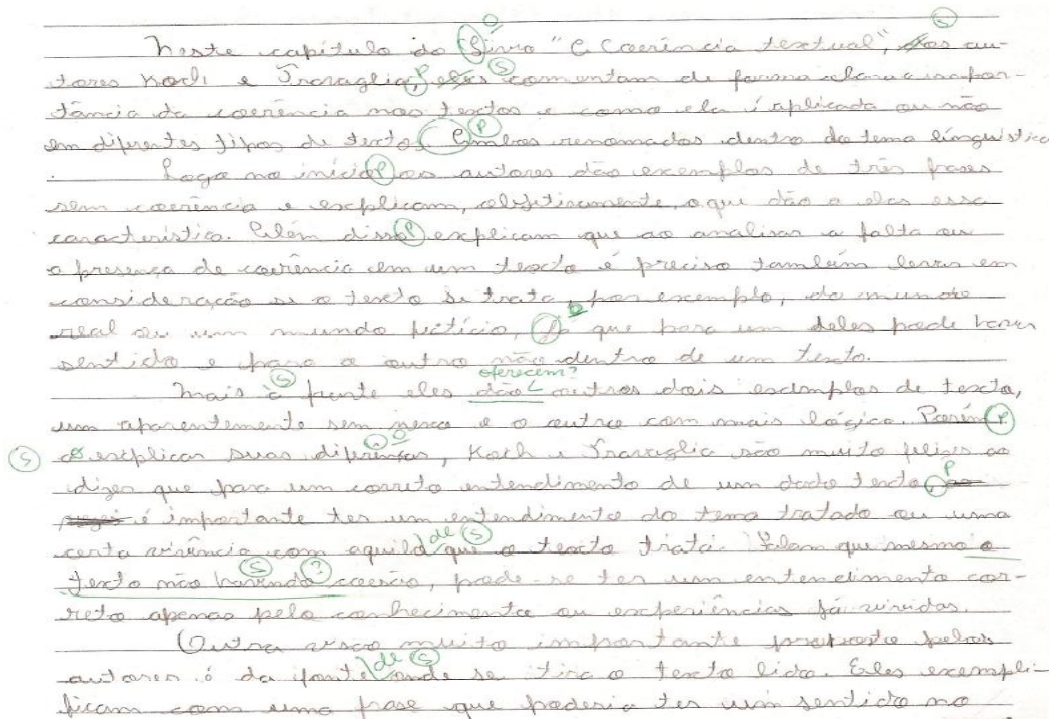
questões, em que o especialista não possui domínio sobre o tema, podem ser fiáveis e deixarem de ser considerados verdadeiros, pois há necessidade do conhecimento sobre o assunto. Para Facion, o argumento não necessita ser de uma terceira pessoa, ou mesmo de que concerne somente a uma autoridade que tenha domínio sobre o tema, pois há estas qualidades que podem provar um determinado ponto de vista.

As amostras serviram para exemplificar as principais diferenças entre a primeira versão de um texto (escrita) e sua segunda versão (reescrita), pois o aluno em questão conseguiu superar as dificuldades apontadas em relação ao gênero resumo (apresentando excesso de informações) e um trecho incoerente, transformando tais construções em um texto coerente e estruturalmente admissível. Desta forma fica evidente, então, a importância

do processo de reescrita como contribuição à formação de alunos mais conscientes sobre suas dificuldades e preparados para a elaboração de textos mais coerentes e aceitáveis.

As amostras a seguir, exemplificam as principais dificuldades encontradas na elaboração da resenha como, aspectos de organização textual como ortografia, pontuação e sintaxe e algumas dificuldades precisas em relação à coerência textual, escolha lexical e adequação ao gênero textual solicitado. Estes problemas podem ser observados nas seguintes amostras:

Amostra 6 – Problemas de ortografia (O), sintaxe (S) e pontuação (P)



O tipo de correção mostrado é apresentado por Ruiz (2010, p. 45)⁷ como classificatória e que, por vezes, não consegue abranger as necessidades avaliativas de um texto “diante de um símbolo metalinguístico na margem de sua redação, o aluno pode ou não alterar o seu texto, mas se não o fizer, por certo, será ou por dificuldade de execução da tarefa, ou por dificuldade na compreensão da própria correção realizada pelo professor”. Isso vem a reafirmar o papel do professor como mediador da interação entre texto e aluno.

Amostra 7 – Problemas de pontuação (P) e incoerência (?)

⁷RUIZ, Eliana Maria Severino Donato. *Como se corrige redação na escola*. 1ª ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010.

tempo. Assim a biodiversidade do planeta fica cada vez menor, a extinção fica cada vez mais rápida (P) o que poderia provocar problemas para nós os seres humanos. No final do capítulo, Friedman (P) nos quer alertar, mas não propõe solução, ao contrário, nos diz que é um caminho difícil que temos que percorrer, pois a solução é complexa. Fica mais interessante (P) não de propor uma solução definitiva, mas, apontar alguns caminhos na direção certa.

A seguir, são apresentadas as amostras com a primeira e segunda versão do gênero resenha, que demonstra o progresso em relação à produção escrita, devido ao fato dos alunos elaborarem estes textos já em fase final da disciplina e estarem mais seguros para escreverem seus textos. Mais uma vez, mostra-se como a reescrita constitui uma prática eficiente e indispensável para uma produção consciente e menos problemática de textos.

Amostra 8 – Aluno Y: primeira versão

(6) Não só a Geofísica vai ser prejudicada (P) outros cursos com perfis semelhantes também tendem a seguir o mesmo caminho da Geofísica. O MEC está completamente equivocado ao tentar confinar no curso de Geologia as atribuições e atividades que um Geofísico está subordinado a cumprir, uma vez que as especialidades de um Geofísico são mais enfocadas no estudo indireto da Terra, também sou contra a decisão do MEC de mudar o nome de vários cursos uma vez que a grade curricular difere. O artigo foi publicado no Correio Braziliense (05/05/2010) por Fernando Zarder, Pesquisador Geofísico e editor da Sociedade Brasileira de Geofísica.

Amostra 9 – Aluno Y: segunda versão (reescrita)

Não só a Geofísica vai ser prejudicada, outros cursos com perfis semelhantes também tendem a seguir o mesmo caminho da Geofísica. O MEC está completamente equivocado ao tentar confinar no curso de geologia as atribuições e atividades que um Geofísico está subordinado a cumprir, uma vez que as especialidades de um Geofísico são mais enfocadas no estudo indireto da terra, também é questionável a decisão do MEC de mudar o nome de outros cursos, uma vez que o grade curricular difere. O artigo foi publicado no Correio Brasiliense (09/03/2010) por Fernando Zaidet, pesquisador, Geofísico e editor da Sociedade Brasileira de Geofísica.

Novamente, vale ressaltar a importância do processo da reescrita de textos, pois como resultado os alunos demonstraram capacidade de rever e solucionar os problemas apontados, com maior criticidade e autonomia. Assimilando a reescrita de maneira crescente, esses alunos conseguirão, progressivamente, aprimorar cada vez mais suas práticas no que se refere à leitura e produção de textos.

Considerações Finais

O principal ponto observado neste trabalho, diz respeito ao modo de correção dos textos produzidos em LPT, com o foco na reescrita. Foram também analisadas as especificidades pertinentes ao ensino de leitura e produção de textos, as necessidades específicas de cada aluno, levando em consideração o papel de todos os atores envolvidos nesse processo: aluno (autor), professor (leitor) e, também, tutor (colaborador).

Constatou-se, por meio da análise das versões apresentadas, que a prática da reescrita constitui uma importante ferramenta de aprimoramento textual. Implantada no âmbito da Universidade de Brasília, para que os alunos de graduação, dos diversos cursos oferecidos, consigam produzir textos sempre de forma consciente. Essa prática assegura, assim, sua extrema importância ao ensino de Leitura e Produção de Textos, pois proporciona a esses alunos as condições de efetivamente refletir de maneira crítica sobre suas práticas, fazendo com consigam superar possíveis problemas, tornando-os mais confiantes em relação à escrita de textos.

Referências

- BAGNO, Marcos. REIS, Dennys da Silva. *A prática da reescrita na produção textual universitária*. DLCV (UFPB). v. 8, p. 103 – 116, 2011.
- KOCH, Ingedore G. V. & TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A coerência textual*. 12 ed. São Paulo: Contexto, 2001.

KOCH, Ingedore G. V. *A coesão textual*. 15 ed. São Paulo: Contexto, 2001.

KOCH, Ingedore G. V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

NEVES, José Luis. *Pesquisa qualitativa – características, usos e possibilidades*. In: Caderno de pesquisas em administração. Volume 1, Nº 3, São Paulo, 1996.

RESENDE, Viviane de Melo. *Desenvolvendo um método inovador para o ensino de Leitura e Produção de Textos na Universidade de Brasília: a reescrita de textos*. Projeto de Graduação REUNI. Universidade de Brasília, 2009.

RUIZ, Eliana Maria Severino Donaio. *Como se corrige redação na escola*. 1ª ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010.

SUASSUNA, Livia. Avaliação e reescrita de textos escolares: a mediação do professor. In: ELIAS, Vanda M. (Org.). *Ensino da língua portuguesa: oralidade, escrita, leitura*. São Paulo: Contexto, 2011, p. 119-134.